



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

RAYMÁRIA CRISTINA PINTO RODRIGUES

**O USO DOS RECURSOS PARA COMUNICAÇÃO
ALTERNATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR CONSTRUÍDOS
COM SÍMBOLOS PICTOGRÁFICOS DE COMUNICAÇÃO:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Brasília-DF

2015

RAYMÁRIA CRISTINA PINTO RODRIGUES

**O USO DOS RECURSOS PARA COMUNICAÇÃO
ALTERNATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR CONSTRUÍDOS
COM SÍMBOLOS PICTOGRÁFICOS DE COMUNICAÇÃO:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso à
Universidade de Brasília (UnB) como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Terapia Ocupacional.

Orientadora: Ms. Ana Rita Costa de Souza Lobo
Braga

Brasília-DF

2015

RAYMÁRIA CRISTINA PINTO RODRIGUES

**O USO DOS RECURSOS PARA COMUNICAÇÃO
ALTERNATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR CONSTRUÍDOS
COM SÍMBOLOS PICTOGRÁFICOS DE COMUNICAÇÃO:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso à
Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.
Orientadora: Ms. Ana Rita Costa de Souza Lobo Braga

BANCA EXAMINADORA

Djeine Pinheiro Rodrigues

Orientador (a)

Ana Rita Costa de Souza Lobo Braga

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília, 02 de Dezembro de 2015.

RESUMO

Para atender de forma mais eficaz as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE), foi criado o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Este serviço busca complementar as atividades dos estudantes com deficiência, e transtornos globais do desenvolvimento durante sua formação, oferecendo apoio permanente ou limitado nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), e ainda de forma suplementar durante a formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação. Um dos recursos que compõem as SRM, é o *software* para Comunicação Alternativa que é categorizado de acordo com o Manual de Orientação como um item de material didático/pedagógico, possui muitas ferramentas para construir recursos personalizados e uma biblioteca de símbolos *PCS* (Símbolos de Comunicação Pictórica). O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento de artigos publicados entre 2005 a 2015 que retratem a utilização de recursos para Comunicação Alternativa no contexto escolar, construídos com os *PCS*. O presente artigo trata de uma revisão narrativa da literatura e as bases de dados utilizadas na pesquisa foram: Scielo, Lilacs, Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Foram selecionados 8 textos para a análise. A partir dos estudos encontrados, concluiu-se que existem inúmeros recursos construídos com os *PCS* para otimizar o aprendizado e a comunicação do aluno com deficiência em sala. Os profissionais formados na área da Saúde e Educação estão entre os que mais confeccionam esses materiais. É imprescindível que o professor de alunos com necessidades especiais educacionais esteja capacitado para a utilização de recursos de Tecnologias Assistiva da melhor forma.

Palavras- Chaves: Inclusão Educacional. Escola. Educação Especial. Atendimento Especializado.

ABSTRACT

To support more effectively People with Special Educational Needs (PSEN) the Specialized Educational Service (SES) was created, it seeks to integrate the activities of students with disabilities and pervasive developmental disorders during its shaping, providing permanent or limited support in the Multifunction Resource Rooms (MRR), giving additional support to students with high skills or giftedness. One of the resources that composes MRR is the software for Alternative Communication, which is categorized, according to the Orientation Manual, as an educational resource with many available tools to build personalized resources and a library of symbols PCS (Pictorial Communication Symbols). The goal of this research was to survey articles published between 2005 and 2015 that portrait on the use of funds for Alternative Communication in the school environment that were built with the Pictures Communication Symbols (PCS). This article is a narrative review of literature and the databases used in the research were, Scielo, Lilacs, Capes Periodicals and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. Eight texts were select for analysis. It was possible to conclude with this research that there are numerous features built with the PCS to optimize learning and communication of disabled students on classroom. Professionals graduated on health and education are among the best on creating these resources. It is primordial that the teacher of students with special educational needs must be trained in the use of Assistive Technology resources.

Keywords: Educational Inclusion. School. Special Education. Specialized Care.

INTRODUÇÃO

De acordo com decreto nº 6.094/2007, umas das diretrizes que deve ser seguida por todos que estão envolvidos no compromisso em prol da educação como a União, Estados, Distrito Federal e Municípios, é a de garantir que Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE) tenham acesso e permanência nas classes de escolas de ensino regulares, fortificando assim a inclusão escolar deste indivíduo nas escolas públicas (BRASIL, 2007).

Para atender de forma mais eficaz as PNEE, além de incluí-las nas classes de ensino regular, foi criado o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que de acordo com o decreto nº 7.611/2011, art.2º§1º, é entendido como um “conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente”. Desta forma este serviço de atendimento busca complementar as atividades dos estudantes com deficiência, e transtornos globais do desenvolvimento durante sua formação, oferecendo apoio permanente ou limitado nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), e ainda de forma suplementar durante a formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011).

De acordo com a Resolução nº 4/2009, art. 5º o Atendimento Educacional Especializado:

É realizado, prioritariamente, na Sala de Recursos Multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios (BRASIL, 2009).

O Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais foi estabelecido pelo MEC/SECADI (Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão). Através da Portaria Ministerial nº 13/2007, faz parte do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) e também do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência- Viver sem Limites (SECADI, 2012). As Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) segundo o art. 5º, § 3º, inciso I do decreto nº 7.611/2011, são espaços para ofertar o AEE, favorecidos de equipamentos, materiais didáticos e pedagógicos e mobiliários (BRASIL, 2011).

No contexto educacional, segundo Bersch (2013), os *softwares* de comunicação alternativa são considerados como Tecnologia Assistiva na categoria de comunicação

alternativa e/ou complementar.

A Tecnologia Assistiva segundo o Comitê de Ajudas Técnicas é:

Uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2009).

Para Galvão e Miranda (2012), as Tecnologias Assistivas no ambiente escolar, não devem ser utilizadas apenas na sala de recursos, e é mais significativa quando este indivíduo passa a ampliar esse uso no seu contexto escolar como forma de suporte.

A Comunicação Alternativa é uma categoria dentre as T.As e tem o objetivo de ampliar as habilidades de comunicação incluindo as de expressão e compreensão. É voltada para indivíduos que não falam ou que não tenham uma escrita funcional, ou também em defasagem entre essas duas habilidades e a comunicação (BERSCH; SARTORETTO, 2014).

Um dos recursos que compõem as Salas de Recursos Multifuncionais é o *software* para Comunicação Alternativa que é categorizado de acordo com o Manual de Orientação como um item de material didático/pedagógico (SEESP, 2010).

O *software* recebido, de acordo com este manual é o *Boardmaker* (SEESP, 2010). Este *software* foi desenvolvido especialmente para a elaboração de pranchas de Comunicação Alternativa, possui diversas ferramentas para construir recursos personalizados e uma biblioteca de símbolos PCS (Símbolos de Comunicação Pictórica). Através deste *software* podem ser criados recursos de comunicação ou educacionais que podem ser impressos ou utilizados apenas no computador (BERSCH; SARTORETTO, 2014).

Os PCS, segundo Schirmer et al. (2007), foram planejados por Roxanna Mayer Johnson, uma fonoaudióloga, no ano de 1980. Tais símbolos resultam num sistema de comunicação com mais de 11.000 símbolos, e representam ampla diversidade de vocabulário. São símbolos fáceis de entender, auxiliam pessoas de todas as faixas etárias e são utilizados em grande número por crianças ou pessoas que possuem dificuldades para entender figuras abstratas. Os PCS estão disponíveis no Brasil pelo *software Boardmaker* e Escrevendo com Símbolos (JOHNSON, 1998).

Traduzido para o Português, o sistema com os PCS torna-se adaptável às questões culturais, regionais, e pessoais da pessoa que o utiliza, seus símbolos são fáceis para distinguir, a criadora sugere que ele seja utilizado em categorias, como: Social: com palavras

geralmente utilizadas em interações sociais; Pessoas: nessa classe pertencem também os pronomes pessoais; Verbos; Substantivos; Descritivo: primeiro adjetivos e advérbios e Miscelânea: artigos, palavras abstratas diversas, conjunções, preposições, conceito de tempo, cores, o alfabeto e números (SCHIRMER et al. 2007).

Sendo os *Pictures Communication Symbols*, um dos símbolos mais populares (POKER; NAVEGA; PETITO, 2012), e está disponível em Salas de Recursos Multifuncionais, entende-se que existe acesso a eles nas escolas, e esta pesquisa torna-se importante, pois busca investigar através das publicações a utilização dos recursos para Comunicação Alternativa, que são construídos com *Pictures Communication Symbols* (Símbolos de Comunicação Pictórica). Os objetivos específicos deste levantamento são: identificar quais os profissionais que confeccionam recursos para C.A utilizando os símbolos pictográficos; quais os tipos de patologias que se beneficiam com o uso de símbolos pictográficos; verificar para quais finalidades os símbolos pictográficos são utilizados; e verificar os benefícios da Comunicação Alternativa para os usuários que utilizam os recursos construídos por tais símbolos.

DESENVOLVIMENTO

O presente estudo trata de uma revisão narrativa da literatura. Esse tipo de pesquisa inclui todas as informações já publicadas que estão relacionadas a determinado tema, dentre eles podemos citar teses e livros, proporcionando ao pesquisador ter contato com o que já foi publicado (MARKONI & LAKATOS, 2002). Tal método inclui publicações com abordagens qualitativas, e “discussão de trabalhos conduzidos no rigor metodológico, incluindo análise de conteúdo do material examinado e selecionado” (TURATO, 2005).

As bases de dados utilizadas na pesquisa foram: Scielo, Lilacs, Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A pesquisa foi realizada no período compreendido entre outubro e novembro de 2015.

Foram utilizados os seguintes descritores para a realização da busca: 1. *Picture Communication Symbols*, 2. Símbolos de Comunicação Pictórica, 3. Comunicação Alternativa, 4. Educação and Comunicação Alternativa, 5. Comunicação Alternativa and boardmaker, 6. Comunicação Alternativa and *Picture Communication Symbols*, 7 Escola and *Picture Communication Symbols*, 8. Escola and Símbolos de Comunicação Pictórica, e 9. Símbolos de Comunicação Pictórica and Boardmaker.

Os critérios de inclusão foram: Documentos em português, publicados entre o ano de

2005 a 2015, artigos ou dissertações que especificassem a utilização do *Picture Communication Symbols (PCS)*, podendo ser combinado com outros tipos de símbolos e que o uso da C.A estivesse relacionado ao contexto escolar. Os critérios de exclusão foram: ser revisão de literatura, documentos que não abordassem o tema, que não abordassem aspectos de utilização voltados para o contexto escolar, e publicações já selecionadas que se repetiam foram excluídas.

Nas bases de dados da Scielo, o filtro utilizado foi apenas restringindo ao idioma Português, na Lilacs filtro para texto disponível e idioma Português, nos Periódicos da Capes utilizado o filtro para idioma Português e ano de 2005 a 2015, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações filtro em Dissertações e ano de 2005 a 2015.

Os artigos encontrados através das bases de dados pelos descritores passaram por duas seleções, a primeira seleção foi realizada pelo título e resumo das publicações, sendo a segunda seleção mais rigorosa, lendo-se então os artigos na íntegra.

Na tabela a seguir pode-se verificar de forma esquemática os descritores, as bases de dados, e a quantidade de artigos selecionados.

Tabela 1

Descritores	Scielo	Lilacs	CAPEs	BDTD	Total
<i>Picture Communication Symbols</i>	6	6	8	18	38
Símbolos de Comunicação Pictórica	0	1	5	3	9
Comunicação Alternativa	84	97	249	493	923
Educação and Comunicação Alternativa	10	27	58	127	222
Comunicação Alternativa and boardmaker	0	0	1	0	1
Comunicação Alternativa and Picture Communication Symbols	5	4	7	3	19
Escola and Picture Communication Symbols	1	1	7	0	9
Escola and Símbolos de Comunicação Pictórica	0	0	4	0	4
Símbolos de Comunicação Pictórica and Boardmaker	0	0	0	0	0
1 Seleção	11	3	2	4	20
2 Seleção	5	0	1	2	8

Fonte: Própria autora

A tabela 2 mostra as publicações selecionadas, autor e ano, objetivo do estudo, método e resultados obtidos.

Autor, Ano	Objetivo	Método	Resultados
1 (MORESCHI;	O estudo teve como objetivo planejar, aplicar e avaliar os efeitos de um	Participou uma menina de 14 anos, com diagnóstico de	Verificou-se que a participante passou a utilizar

ALMEIDA, 2012)	programa de intervenção sobre Comunicação Alternativa para o desenvolvimento de habilidades comunicativas de uma adolescente com deficiência intelectual.	deficiência intelectual e déficits na comunicação verbal, a mãe e a educadora da adolescente.	as figuras pictográficas como recurso comunicativo durante situações da vida diária. Embora a participante apresentasse comunicação verbal antes do início do processo de intervenção, essa comunicação não era eficiente durante as interações. Assim, a participante utilizou o Sistema de Comunicação como alternativa para aprimorar suas habilidades linguísticas, além de complementar sua comunicação oral.
2 (PAULA; ENUMO, 2007)	Analisar a adequação da avaliação assistida para crianças com problemas de comunicação, comparando o seu desempenho em provas psicométricas tradicionais e prova assistida, fornecendo indicadores dos efeitos de um programa de intervenção com sistema alternativo de comunicação sobre as habilidades linguísticas e cognitivas dessas crianças.	Participaram sete crianças com necessidades especiais em situação de avaliação assistida, utilizando o <i>Children's Analogical Thinking Modifiability Test-CATM</i> , acrescida da avaliação psicométrica, realizada pelos testes Raven, Columbia e <i>Peabody</i> , estes últimos em versão computadorizada, antes e após intervenção com sistema de Comunicação Alternativa e Ampliada-CAA.	Apesar da situação de avaliação - tradicional e assistida - ter se configurado como cansativa, foi possível identificar as operações e disfunções cognitivas nas provas tradicionais e assistida e na intervenção, além de fatores não-intelectuais que afetaram o desempenho, delineando um perfil intragrupo de aprendizagem na resolução de problemas.
3 (SILVA et al., 2013)	Analisar a interação professor-aluno com paralisia cerebral não-falante, antes e após a introdução dos recursos e estratégias de comunicação alternativa em sala de aula comum	Realizou-se estudo de caráter quanti-qualitativo, do tipo estudo de caso com pesquisa- intervenção. Foram realizadas quatro etapas principais: 1) filmagens antes da introdução desses recursos em sala de aula; 2) capacitação dos professores na escola e; 3) assessoria técnica ao	A professora manifestou tendência para utilizar os símbolos apenas como ferramenta de avaliação e ensino de conceitos, percepção essa que se transformou a medida que essa se apropriava das tecnologias de comunicação alternativa. Os recursos e estratégias de comunicação

		professor para o uso da comunicação alternativa e; 4) filmagens dos episódios interativos com o uso dessas tecnologias. As interações foram transcritas e agrupadas em elos. Nessa pesquisa, um elo compreendeu o comportamento do iniciador dirigido ao interlocutor e a resposta sequencial deste ao iniciador.	alternativa se mostraram eficientes para o estabelecimento de episódios entre professor-aluno com paralisia cerebral, principalmente quanto ao aumento de elos entre esses membros e à participação tanto da professora como da aluna para iniciar os episódios
4 (GOMES; NUNES, 2014)	Avaliar os efeitos de um programa de intervenção nas interações comunicativas, no contexto da sala de aula comum, entre um aluno não falante de 10 anos, com diagnóstico de autismo, e sua professora.	No programa de intervenção, a professora foi capacitada a empregar estratégias do ensino naturalístico e recursos da comunicação alternativa ampliada para aumentar a frequência de interações com o aluno durante três rotinas da sala de aula.	A ampliação na frequência de turnos do aluno foi observada nas rotinas de lanche, mas não durante as atividades pedagógicas. O uso dos recursos de CAA pelo participante ganhou notoriedade nas sessões de lanche, após o programa de capacitação. A utilização de gestos, no entanto, permaneceu sendo a principal forma de expressão do aluno, nas duas rotinas investigadas.
5 (MASSARO; DELIBERATO , 2013)	Identificar a percepção do professor a respeito do uso da comunicação suplementar e alternativa durante um programa de intervenção na Educação Infantil.	Participaram uma classe especial da Educação Infantil que possui sete alunos com deficiência e necessidades complexas de comunicação, a professora e a pesquisadora. Para o desenvolvimento da pesquisa, aplicou-se um programa de comunicação alternativa. Ocorreram orientações sistemáticas à professora, a respeito de linguagem e comunicação. Em um	Os resultados indicaram que a professora identificou que sistemas de comunicação suplementares e alternativos podem favorecer as habilidades de expressão dos alunos com deficiência; que os sistemas de comunicação suplementares e alternativos podem ser utilizados por crianças na Educação Infantil; e que recursos adaptados por meio dos sistemas suplementares e

		<p>processo colaborativo, foram selecionadas três canções infantis, conforme o planejamento pedagógico da professora e os recursos foram adaptados por meio de sistemas de comunicação suplementares e alternativos.</p>	<p>alternativos de comunicação devem estar de acordo com as especificidades dos alunos.</p>
6 (LIMA, 2008)	<p>Planejar, aplicar e avaliar um programa de intervenção sobre Comunicação Alternativa/Ampliada em grupo inserido numa abordagem naturalística em uma Escola de Educação Especial.</p>	<p>. Para verificar os efeitos da intervenção (Programa de CAA) no comportamento dos participantes da pesquisa, foi utilizado um delineamento de Linha de Base Múltipla cruzando com sujeitos; além disso, utilizou-se o Teste de Linguagem Infantil ABFW (sub- teste: Pragmática) e o Teste de Linguagem Receptiva e Expressiva.</p>	<p>Ao utilizar o Sistema de Comunicação Alternativa/Ampliada, ocorreu o desenvolvimento de habilidades comunicativas, tais como: troca de turnos, atos comunicativos, que levaram a uma melhora significativa das interações dos participantes. Dessa forma, ficou evidente a importância da intervenção fonoaudiológica em grupo por meio da utilização de um de um Sistema Alternativo de Comunicação.</p>
7 (DELGADO, 2010)	<p>Descrever e analisar os padrões comunicativos de duas crianças de doze anos de idade, Tereza, com paralisia cerebral não oralizada que faz uso de sistema alternativo de comunicação, e Alicia, com desenvolvimento normal e que faz uso da fala (sujeito controle).</p>	<p>. O sistema de comunicação utilizado pela criança com paralisia cerebral consistia de fotografias e do sistema PCS (<i>Picture Communication System</i>), no formato de um livro de comunicação. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevistas, avaliação do sistema de comunicação e da educação da criança, instrumentos normatizados de avaliação da inteligência, da linguagem receptiva, instrumento aplicado em Tereza para</p>	<p>O envolvimento da professora quanto ao emprego da comunicação alternativa por Tereza em sala de aula foi limitado. Os dados também ressaltaram dificuldades na linguagem compreensiva e expressiva de Tereza que pareceram estar relacionadas à falta de vivência, ao reduzido uso da linguagem alternativa por parte dos interlocutores da criança, bem como à diferença entre as organizações sintáticas da linguagem gráfica e da</p>

		<p>avaliar suas habilidades motoras; tarefas comunicativas aplicadas às duas meninas (provas de compreensão e produção).</p>	<p>linguagem oral. Os resultados revelaram portanto a dificuldade de Tereza nas tarefas comunicativas, mas também apontaram para a necessidade de um treinamento mais sistemático no uso desses sistemas direcionados a esses jovens especiais e seus interlocutores.</p>
8	<p>ALMEIDA et al. (2005)</p> <p>Avaliar a eficácia do uso do Pecs-Adaptado e PCS na comunicação de uma menina com paralisia cerebral atetóide, considerando o currículo funcional.</p>	<p>O Pecs-Adaptado foi utilizado em associação com as figuras do PCS relacionando a comunicação alternativa com o currículo funcional. A participante foi submetida à avaliação inicial, correspondente às sessões da linha de base. Em seguida, foi dado início ao treinamento das fases do Pecs-Adaptado (Walter, 2000), que foi estruturado para atender às necessidades da criança com paralisia cerebral.</p>	<p>A participante conseguiu atingir todas as fases do sistema Pecs-Adaptado, com sucesso. Verificou-se que a participante conseguiu formar frases para a solicitação de seus desejos. Foram observadas a emissão de sons com a finalidade de chamar atenção para si, iniciar interações comunicativas, solicitar algo desejado, manter diálogo simples e transmitir mensagens.</p>

De acordo com os objetivos deste estudo, foram separados por tópicos o que as publicações trazem a respeito de quais os profissionais que confeccionam e usam recursos para C.A utilizando símbolos pictográficos, os tipos de patologias que utilizaram recursos com símbolos pictográficos, o que é construído e para quais finalidades os símbolos pictográficos são utilizados, os benefícios da Comunicação Alternativa para os usuários que utilizam os recursos construídos por tais símbolos e informações pertinentes ao assunto abordado.

No estudo de Moreschi e Almeida (2012), o profissional que confeccionou os recursos foi a pesquisadora, já que o estudo foi realizado por 2, porém o artigo mostra que uma era formada em Fonoaudiologia, mestre e doutoranda em Educação Especial e a outra formada

em Letras Anglo Portuguesas, mestre e doutora em Educação Especial. No estudo de Paula e Enumo (2007) as pesquisadoras também foram as que confeccionaram, ambas doutoras em Psicologia. Dois estudos retratam que um pesquisador e uma pesquisadora ajudaram na confecção e também realizaram capacitação das professoras para a construção do recurso, dentre os pesquisadores homens de um dos estudos, um era Professor Adjunto do Departamento de Educação Especial e do Programa de Pós-Graduação em Educação, outro Doutor em Psicologia Experimental e outro Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA) e Terapeuta Ocupacional da Universidade do Estado do Pará, e do outro estudo não é mencionado a formação das autoras. Já referente às professoras, ambas tinham o magistério e uma trabalhava a 14 anos como professora, porém nunca teve experiência de trabalhar com crianças com necessidades educacionais especiais. A outra professora estava cursando graduação em Pedagogia, mesmo tendo trabalhado com quatro turmas que continham alunos com necessidades educacionais especiais não havia participado de capacitação nem de formação continuada para atender este público (SILVA et al., 2013; GOMES; NUNES, 2014). No estudo de Massaro e Deliberato (2013), a professora também participou da confecção, graduada em Pedagogia e com Habilitação em Deficiência Auditiva relatando que desde o ano de 1985 após ter se formado não realizou nenhum outro curso em Educação Especial, já a pesquisadora era mestranda em Educação e formada em Pedagogia com Habilitação em Deficiência Física. Em outro estudo somente a pesquisadora confeccionou os recursos, mas realizou capacitação sobre o Sistema de Comunicação Alternativa que seria usado (LIMA, 2008). Por último, no estudo de Delgado (2010), os recursos de comunicação alternativa com PCS, foram confeccionados pela fonoaudióloga que a participante era acompanhada. Os profissionais que confeccionaram os recursos para Comunicação Alternativa são de formações distintas, a área da Tecnologia Assistiva é trabalhada de forma multidisciplinar, como Terapeutas Ocupacionais, Educadores, Fisioterapeutas, dentre outros (PELOSI, 2005).

As patologias e dificuldades que os alunos possuem de acordo com os estudos analisados são deficiência intelectual, criança que apresentava comunicação oral, porém com distúrbio de comunicação no qual realizava por vocalização e gestos (MORESCHI; ALMEIDA, 2012). Crianças com déficits nas habilidades de linguagem e comunicação, sendo eles de moderado a grave devido a tetraplegias mista, meningite e Síndrome de Down (PAULA; ENUMO, 2007). Participante com paralisia cerebral do tipo quadriparesia espástica, com entendimento de comandos simples a complexos que tinham relação à vivência atual (SILVA et al., 2013). Aluno com diagnóstico de autismo, pouca compreensão da fala, verbalização limitada (GOMES; NUNES, 2014). Crianças com comunicação não verbal que

tinham diagnóstico de Síndrome de West, Paralisia Cerebral, Síndrome do Noonan, e com comunicação verbal e não verbal com diagnóstico de Síndrome de Dandy Walker (MASSARO; DELIBERATO, 2013). No estudo de Lima (2008) os participantes da pesquisa tinham diagnóstico de Deficiência Intelectual, e se comunicavam de maneira geral através de vocalizações e gestos, no estudo de Delgado (2010) a participante tinha diagnóstico de Paralisia Cerebral não oralizada e com comprometimento motor, e no estudo de Almeida et al. (2005) a criança tinha diagnóstico de paralisia cerebral quadriplégica atetóide.

No estudo de Moreschi e Almeida (2012), e de Almeida et al. (2005), o sistema foi utilizado juntamente com o Sistema de Intercambio de Figuras de Comunicação (PECS- Adaptado) na intervenção com a participante o PCS foi utilizado com o intuito de favorecer o desenvolvimento da comunicação verbal com os pares nos contextos em que ela estava inserida, e no estudo de Almeida et al. (2005) foi associado à comunicação alternativa com o currículo funcional. Foi realizada uma etapa denominada Linha de Base no qual o intuito foi de verificar na participante as suas habilidades referente à utilização das figuras pictográficas no qual é realizado em 5 fases, 1. Aprendendo a fazer a troca, 2. Aumentando a espontaneidade, 3.a Discriminando e reconhecendo figuras, 3.b Reduzindo o tamanho das figuras, 4. Formando sentenças e 5. Aumentando o vocabulário. Os símbolos eram fixados na prancha de comunicação, recurso confeccionado semelhante ao estudo de Delgado (2010) e também em um porta tira- frase, este último recurso também foi confeccionado no estudo de Lima (2008).

Um estudo utilizou em sua intervenção em habilidades de comunicação, o sistema Imagoanavox personalizado, buscando aumentar a comunicação e pensamento, sendo composto pelos PCS e para favorecer a comunicação as figuras e fotos foram colocadas em um Fichário de Comunicação, utilizando juntamente com livros, fotos da família da criança. (PAULA; ENUMO, 2007)

No estudo de Silva et al.(2013), foram confeccionadas pranchas de comunicação alfabética e numérica, além de cartelas de comunicação composta com símbolos presentes nas rotinas escolares, tais símbolos foram colocados de forma fixa na cadeira da participante podendo ser utilizado tanto por seleção direta como de varredura. Fichas contendo fotos do cotidiano e objetos sobrepostos na mesa do aluno ou na pasta de comunicação foram utilizadas em outro estudo, buscando iniciativa ou resposta, com uso mais constante dos pictogramas nas atividades pedagógicas (GOMES; NUNES, 2014). O uso de pictograma também pode ser incluído em atividades diferente das relatadas anteriormente, como podemos ver no estudo de Massaro e Deliberato (2013), no qual em atividades envolvendo música, os

PCS foram utilizados para adaptação das letras, também foram construídos recursos de baixa tecnologia como pranchas com frases e pranchas temáticas. O álbum de comunicação foi um recurso construído em um estudo e o livro de comunicação outro recurso confeccionado para os participantes (LIMA, 2008; DELGADO, 2010). Uma prancha de comunicação confeccionada em madeira foi construída no estudo de Almeida et al. (2005). Vários recursos para Comunicação Alternativa podem ser construídos com Pictogramas segundo Schirmer et al. (2007), como pranchas para comunicação, pastas de comunicação, cartões de comunicação, mesa com símbolos, avental, porta documentos, cartões, álbum de fotografias e livros dentre outros.

Nesses estudos podemos ver que os participantes tiveram alguns benefícios com a utilização dos recursos construídos com *PCS*, como o caso de uma criança com diagnóstico de deficiência intelectual que passou a usar o recurso de forma eficiente e teve suas habilidades de comunicação oral melhoradas, sintaticamente fazia sentenças mais elaboradas atribuindo mais elementos, conseguindo assim interagir com as pessoas a sua volta, com a pesquisadora, sua professora e seus amigos. O recurso foi utilizado pra apoiar a sua comunicação oral (MORESCHI; ALMEIDA, 2012). Com a utilização do recurso construído houve a ampliação de respostas e solicitações, de palavras e de sentenças com mais sentido (PAULA; ENUMO, 2007). Houve eficiência na comunicação entre professor e aluno, reforçando a iniciativa de ambos para comunicação (SILVA et al., 2013). Em momentos como o lanche do participante na escola, o recurso foi mais utilizado nesse momento, porém os gestos foram mais utilizados e predominantes fora desse ambiente (GOMES; NUNES, 2014). Alunos foram capazes de usar o álbum de figuras, o tira porta- frase, e as figuras pictográficas para auxiliar na comunicação durante as atividades em sala de aula. Alunos que aprenderam de fato a utilizar o recurso auxiliavam os outros em momentos de solicitação. O recurso favoreceu a linguagem de uma participante não-falante. (LIMA, 2008). Uma participante de um dos estudos elaborou frases para expressar seus desejos que antes eram bem limitados (ALMEIDA et al. 2005).

Dá-se a importância de fazer com que o aluno entenda como se utiliza tal recurso, pois em um dos estudos, antes da interação acontecer de fato, notou-se que os alunos não sabiam como utilizá-lo (LIMA, 2008). É extremamente importante que o professor planeje de forma eficaz seus métodos e estratégias de ensino, elegendo, apropriando e implementando os recursos de comunicação alternativa (MASSARO; DELIBERATO, 2013), frente a isso faz-se necessário que o professor esteja capacitado, com formação que ajude no manejo adequado diante dos desafios e necessidades encontradas (POKER; NAVEGA; PETITO, 2012). Os

autores encontrados neste estudo ressaltam de forma clara que a capacitação do professor que trabalha com crianças com necessidades educacionais especiais é necessária para que ele possa ensinar de forma que o aluno compreenda, e que seu ensino seja da melhor forma para este aluno com limitações e dificuldades de comunicação (PAULA; ENUMO, 2007; GOMES; NUNES, 2014; MASSARO; DELIBERATO, 2013). Logo verificou-se que depois da realização de uma capacitação com os professores, os recursos foram melhor utilizados. Um estudo realizado com professores de Salas de Recursos Multifuncionais, conclui que há a necessidade de formação continuada constante para estes professores para melhor utilização e conhecimento de recursos de Tecnologias Assistivas (MANZINI, 2012).

O estudo de Silva et al., (2013), resalta a importância de haver profissionais da área da saúde com especialização na área voltada para Comunicação. Dentre estes, o Terapeuta Ocupacional é um profissional que é fundamental no processo de avaliação, analisando o posicionamento adequado tanto da prancha como do indivíduo, velocidade de técnica a ser utilizada, podendo ser apontar, olhar, varredura e codificação (JOHNSON, 1998 apud PELOSI, 2005). No ambiente escolar segundo Pelosi (2005) este profissional promove a inclusão deste aluno, trabalhando tanto com a família e equipe escolar favorecendo que o aluno tenha acesso a recursos de Tecnologia Assistiva, ele também instrui e ensina o uso mais adequado do recurso orientando os indivíduos envolvidos neste processo (PELOSI; NUNES, 2009).

Com o uso de recursos e Sistemas de Comunicação Alternativa com o intuito de promover formas para que o aluno se comunique, outros tipos de habilidades podem ser amplificadas como, por exemplo, a acadêmica, favorecendo a inclusão tanto social como educacional para estas pessoas (MORESCHI; ALMEIDA, 2012). Em relação a isso Manzini e Deliberato (2006) afirmam que os sistemas de Comunicação Alternativa, são formas eficazes que buscam garantir a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

CONCLUSÃO

Os profissionais formados na área da Saúde e Educação estão entre os que mais confeccionam os recursos através dos Símbolos de Comunicação. Existem inúmeros recursos construídos com os PCS para otimizar o aprendizado e a comunicação do aluno com deficiência nas escolas. A partir dos estudos encontrados, conclui-se que os recursos construídos através dos Símbolos de Comunicação Pictórica trouxeram alguns benefícios para o usuário, proporcionando a participação do aluno no ambiente escolar. É importante que o

professor que ofereça atendimento a pessoas com necessidades especiais educacionais esteja capacitado quanto a utilização de recursos de Tecnologias Assistiva dentre elas os de Comunicação Alternativa. Em relação à multidisciplinaridade do uso de Tecnologias Assistivas o Terapeuta Ocupacional é um profissional que deveria fazer parte da equipe nas escolas inclusivas. Mais estudos com a utilização de pictogramas seriam benéficos para a literatura e evidências das práticas feitas no país, visto que os Símbolos de Comunicação Pictórica estão disponíveis em um Software distribuído em várias Salas de Recursos Multifuncionais do Brasil.

REFERÊNCIAS

BERSCH, R.- **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre, 2013.

BERSCH, R; SARTORETTO, M.L. - **Comunicação Alternativa. Assistiva Tecnologia e Educação**. 2014. Disponível em:< <http://www.assistiva.com.br/ca.html#topo>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

BRASIL. Decreto nº 6094, de 24 de abril de 2007. **Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica**. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm>. Acesso em: 19 abr. 2015.

BRASIL. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. **Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

BRASIL. Comitê de ajudas técnicas.(Org.). **Tecnologia assistiva**, Brasília: Corde, p. 41-58, 2009.Disponível em:<<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/livro-tecnologia-assistiva.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2015.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm>. Acesso em: 24 abr. 2015.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.**Dispõe sobre a educação especial, o**

atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm>. Acesso em: 24 abr. 2015.

GALVÃO FILHO, T.A.; MIRANDA, T.G. **Tecnologia Assistiva e salas de recursos: análise crítica de um modelo.**In__ GALVÃO FILHO, T A. (Org.); MIRANDA, T G. (Org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2012, p. 247-266.

JOHNSON, R.M. - **Guia dos Símbolos de Comunicação Pictórica.** Porto Alegre: Clik, 1998. Disponível em: <http://www.clik.com.br/mj_01.html>. Acesso em 26 de outubro de 2015.

MANZINI, E. J.; Formação do Professor para Trabalhar com Recursos de Tecnologia Assistiva: Um estudo de caso em Mato Grosso. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.2, n.5, p.98-113, maio/ago. 2012.

MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. **Portal de ajudas técnicas para a educação:** equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência - recursos para comunicação alternativa. v. 2, MEC, Brasília, 2006.

MARCONI, M A; LAKATOS, E.A. - **Técnicas de Pesquisa.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PELOSI, M. B. O papel do Terapeuta Ocupacional na Tecnologia Assistiva. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 13, n. 1, 2005.

PELOSI, M.B.; NUNES L.R.O.P. Formação em serviço de profissionais da saúde na área de tecnologia assistiva: O papel do terapeuta ocupacional. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano.** 2009; v.19,p.435-444.

POKER, R.B, NAVEGA M. T, PETITTO, S. Acessibilidade na escola inclusiva: tecnologias, recursos e o atendimento educacional especializado. **Marília: Oficina Universitária**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SCHIRMER et al. **Atendimento Educacional Especializado. Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Física.** Brasília, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO, SECADI- **Documento Orientador Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais.** 2012. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17430&Itemid=817>. Acesso em: 8 jun. 2015.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, SEESP. **Manual de Orientação: Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncional.** 2010. Online. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17430&Itemid=817> Acesso em: 8 jun. 2015.

TURATO, E.R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**. 2005, v.39, n.3, pp. 507-514.

ANEXO A- NORMAS PARA PUBLICAÇÃO: REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

- <http://www.abpee.net/>

Abpee

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Diretoria	<p><i>Normas para apresentação de artigos</i> REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL</p> <p>POLÍTICA EDITORIAL</p> <p>1 A <i>Revista Brasileira de Educação Especial</i> publica artigos dos membros-sócios da ABPEE, cujo foco seja a Educação Especial. Para garantir um espaço democrático na revista, cada autor poderá publicar um artigo por ano/volume na categoria de autor e um artigo na categoria de coautor, ou, ainda, dois artigos na função de coautor. Somente depois de avaliado o primeiro artigo enviado, na condição de autor ou coautor, a revista receberá novos artigos do mesmo pesquisador (autor principal ou coautor) para ser avaliado. O recebimento dos artigos é em fluxo contínuo conforme ordem de chegada. O prazo para avaliação pode demorar de seis a nove meses. O prazo para publicação pode demorar de 12 a 18 meses. Após a avaliação e sendo o artigo aprovado, TODOS OS AUTORES do artigo deverão realizar cadastro na ABPEE e quitar anuidade, uma vez que a revista é mantida pelos seus sócios. Somente os sócios da ABPEE recebem a revista impressa, porém, a revista "on line" está aberta para toda a comunidade científica por meio do SciELO e da homepage da ABPEE.</p> <p>2 As colaborações podem ser apresentadas como: 2.1 Relato de pesquisa; 2.2 Ensaio teórico; 2.3 Revisão de literatura; 2.4 Resenha.</p> <p>3 Os artigos devem ser inéditos (de preferência em português), cabendo à revista a exclusividade da sua publicação. Precisam atender aos seguintes critérios: 3.1 Adequação ao escopo da revista;</p>
Revistas	
Editora	
Bibliotecas	
Sócios	
Contato	
Normas	
Associar-se	
Administrar	

[Diretoria](#)[Revistas](#)[Editora](#)[Bibliotecas](#)[Sócios](#)[Contato](#)[Normas](#)[Associar-se](#)[Administrar](#)

3 Os artigos devem ser inéditos (de preferência em português), cabendo à revista a exclusividade da sua publicação. Precisam atender aos seguintes critérios:

3.1 Adequação ao escopo da revista;

3.2 Qualidade científica, atestada pela Comissão Editorial e ouvido o Conselho Consultivo;

3.3 Cumprimento das presentes Normas;

3.4 Após aceitos, os artigos podem sofrer alterações não substanciais (reparagrafações, correções gramaticais e adequações estilísticas) na etapa de editoração de texto.

3.5 As resenhas deverão conter, no máximo, duas laudas e serem redigidas por, no máximo, dois autores. Somente serão aceitas resenhas cujo ano de publicação da obra for o ano de publicação da revista ou imediatamente anterior à publicação. Por exemplo, se a revista está sendo publicada em 2007, a obra deverá ter sido publicada em 2007 ou 2006. Cada autor de resenha terá direito a um exemplar da revista.

4 Aceitação e revisão dos textos: os artigos recebidos são enviados (com exclusão do nome dos autores) a dois pareceristas pertencentes ao Conselho Consultivo da ABPEE que indicam a aceitação, a recusa ou as reformulações necessárias. Em caso de pareceres contrários a aceitação, o artigo é analisado pelos editores que definem ou não a sua publicação baseado nas indicações dos pareceres. A revisão da normalização técnica é realizada pelos editores.

5 Não há remuneração pelos trabalhos, mas o autor de cada artigo recebe 03 (três) exemplares da revista; no caso do artigo assinado por mais de um autor, são entregues 05 (cinco) exemplares. O(s) autor(es) pode(m) ainda comprar outros exemplares com desconto de 30% sobre o preço da capa. Os artigos aprovados serão publicados na forma impressa e digital, na página da ABPEE e do SciELO. Esta última condição faz parte das normas para aceitação de trabalhos a serem publicados.

CONSTITUIÇÃO DOS ARTIGOS

1 Identificação: folha de rosto contendo o título (em português e inglês); título resumido (em português) autor (titulação, instituição, departamento, quando for o caso), endereço completo e e-mail para contato de todos os autores);

[Diretoria](#)[Revistas](#)[Editora](#)[Bibliotecas](#)[Sócios](#)[Contato](#)[Normas](#)[Associar-se](#)[Administrar](#)

CONSTITUIÇÃO DOS ARTIGOS

1 Identificação: folha de rosto contendo o título (em português e inglês); título resumido (em português) autor (titulação, instituição, departamento, quando for o caso), endereço completo e e-mail para contato de todos os autores);

2 Resumo: o resumo deverá ser informativo, expondo o objetivo, metodologia, resultados e conclusões, quanto se tratar de relato de pesquisa. Deverá conter 250 palavras, não conter parágrafos e nem conter citações de autores e datas.

3 Palavras-Chave: fazer a indicação após o resumo (mínimo de três e máximo de cinco palavras). Utilizar o site do Thesaurus Brasileiro da Educação do INEP no site www.inep.gov.br.

4 Abstract e Keyword: o resumo em inglês deverá ser apresentado logo após o resumo em português e seguindo as mesmas normas apontadas anteriormente.

5 Texto, ensaio teórico e revisão de literatura: devem estar organizados em: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, sem numeração, podendo receber subdivisões, igualmente não numeradas. No caso de relatos, devem ter as seguintes seções: Introdução, Método, Resultados, Discussões e Conclusões (com numeração). No caso de resenha de livros e teses, o texto deve conter todas as informações para a identificação do trabalho comentado.

OBS.: Usar negrito somente em títulos ou subtítulos. Caso haja necessidade de ressaltar expressões ou palavras usar o itálico, e não o sublinhado ou negrito. O uso de aspas, segundo as normas da ABNT, deverá ser usada somente em citações bibliográficas no texto de até três linhas.

6 Subvenção: menção de apoio financeiro eventualmente recebido (ao início do artigo);

7 Agradecimentos: apenas se absolutamente indispensáveis (ao início do artigo).

8 Ilustrações (tabelas, gráficos, desenhos, mapas e fotografias): devem ter sua inclusão indicadas e incluídas ao longo do

Diretoria
Revistas
Editora
Bibliotecas
Sócios
Contato
Normas
Associar-se
Administrar

Diretoria
Revistas
Editora
Bibliotecas
Sócios
Contato
Normas
Associar-se
Administrar

8 Ilustrações (tabelas, gráficos, desenhos, mapas e fotografias): devem ter sua inclusão indicadas e incluídas ao longo do texto e também apresentadas à parte e em material que permita a reprodução.

9 Citações:

9.1 Notas: as notas explicativas precisam ser dispostas no rodapé, remetidas por números sobrescritos no corpo do texto.

10 Citações no texto:

10.1 Citações incorporadas ao texto dentro do parágrafo: a identificação das citações (sobrenome do autor, ano) deveram aparecer logo após as referentes citações. O nome do autor, quando dentro do parênteses deve vir em maiúsculo, seguido do ano da publicação.

Nomes de autores fora do parênteses ficam em maiúscula somente na primeira letra. Ex.:

[...] Identificou-se em vários estudos essa concepção (FARRIS, 1979; HENRY; JACOBSON, 1980; VERTUAN, 1989), comprovando-se a constatação de Moura (1979).

10.2 Toda vez que a citação *for literal*, ou especifica a um trecho da obra, e *tiver menos que três linhas*, ela deve aparecer entre aspas dentro do parágrafo. Ex.:

A didática especial aparece como prática docente específica de determinado conteúdo de ensino, e sua necessidade, segundo Boulos, "se afirma, já que cada matéria e cada nível escolar apresentam as suas 'peculiaridades próprias' e seus problemas concretos" (apud WARDE, 1992, p. 50).

10.3 Toda vez que a citação *for literal*, ou especifica a um trecho da obra, e *tiver mais que três linhas*, ela deve aparecer com recuo à esquerda de quatro centímetros, em corpo menor, destacada em parágrafo isolado, *não* aparecer entre aspas e *nem* em itálico:

Pernambuco indica que uma prática significa:

[...] estar trabalhando as mediações entre proposições oriundas de diferentes conhecimentos científicos que intervêm sobre a situação concreta que se estuda. Ao mesmo tempo, a partir dessa interação como o faz, novas questões são colocadas, novos conhecimentos e novas organizações de antigos conhecimentos se tornam necessários. (PERNAMBUCO, 1994, p.92).

Dessa forma, percebe-se que

11 Referências:

11.1 Obedecerão as normas da ABNT de agosto de 2000. Serão arroladas ao final do texto com o título **Referências**, em negrito. Esta lista de fontes (livros, artigos, etc.) deve aparecer em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, sem numeração, sem parágrafos e sem deslocamentos.

11.2 Livros: Indicar SOBRENOME, N. A (nomes do autor abreviados em caixa alta, sem espaçamentos entre eles). Título (em itálico) subtítulo (se houver em letra sem itálico). Edição (indicar o numero da edição, colocar ponto, escrever ed. em caixa baixa) Cidade: Editora, ano. Ex.:

TELFORD, C.W.; SAWREY, J.M. *O indivíduo excepcional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

GLAT, R. *Somos iguais a vocês*: depoimento de mulheres com deficiência mental. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

11.3 Obras com *mais de três autores*: após o sobrenome do primeiro autor, inserir a palavra latina et al. Ex.:

REGEN, M. et al. *Mães e filhos especiais*. Brasília: Corde, 1993.

11.4 Mais de uma citação de um *mesmo autor*: após a primeira citação completa, introduzir um traço (equivalente a seis espaços) e um ponto. Ex.:

BIGELOW, A. Early Words of blind children. *Journal of Child Language*, v. 14, p. 47-56, 1987.

_____. Relationship between the development of language and thought in young blind children. *Journal of Visual Impairment and Blindness*. v. 15, p. 414-419, 1990.

11.5 Obras com autor desconhecido, a entrada é feita pelo título:

DIAGNÓSTICO do setor editorial brasileiro. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1993. 64p.

11.6 Periódicos: SOBRENOME, N. Título de artigo. Título da Revista em itálico, cidade, volume, número, páginas, ano. Ex.:

MARQUES, L. P. O filho sonhado e o filho real. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, v. 2, n. 3, p. 121-125, 1995.

Diretoria

Revistas

Editora

Bibliotecas

Sócios

Contato

Normas

Associar-se

Administrar

Diretoria

Revistas

Editora

Bibliotecas

Sócios

Contato

Normas

Associar-se

Administrar

11.7 Artigos Jornal: SOBRENOME, N, A Título do artigo, Título do jornal, Cidade, data, seção, páginas, coluna. Ex.:
PINTO, J. N. Programa explora tema raro na TV. O Estado de São Paulo, São Paulo, 08 fev. 1975. Caderno 2, p. 7.

11.8 Dissertações e teses (Autor, título em itálico, ano, número de folhas, tese ou dissertação, título, instituto, depto, universidade, cidade).

MANZINI, E.J. *Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes considerados deficientes mentais: identificação através do estudo de interações verbais*. 1995. 123f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

11.9 Meio eletrônico ou internet

11.9.1 Artigo em jornal científico

KELLY, R. Electronic publishing at APS: its not just online journalism. *APS News Online*, Los Angeles, Nov. 1996. Disponível em: <http://www.aps.org/apsnews/1196/11965.html> Acesso em 25 nov. 1998.

11.9.2 Trabalho em congresso

SILVA, R. N.; OLIVERIA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4, 1996, Recife. *Anais eletrônicos...* Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <http://www.propesq.ufpe.br/anais/educ/ce04.htm>. Acesso em: 21 jan. 1997.

12 Apresentação de artigos: (leia todos os itens antes de enviar o artigo)

12.1 Os artigos deverão ser enviados somente no FORMATO doc. para o endereço que segue:
<http://mc04.manuscriptcentral.com/rbee-scielo>
Obs.: Não usar docx. Somente use doc.

12.2 Antes de entrar na homepage para envio do artigo, abra uma pasta no seu computador com os seguintes arquivos digitalizados:

- Arquivo com o manuscrito sem identificação dos autores (documento principal)
- Folha de rosto com nome, endereço COMPLETO e e-mail de TODOS os autores
- Ofício de encaminhamento assinado por TODOS os autores (conforme modelo)
- Carta de cessão dos direitos autorais assinada por TODOS os autores
- Cópia de carta de aprovação do comitê de ética quando relato de pesquisa (a revista não publica relatos de pesquisa sem esse documento, seja de autor nacional ou internacional)

(na imprecisão desses dados, o artigo será arquivado e não submetido à avaliação)

Ofício de encaminhamento:

Por meio deste encaminhamos o artigo "NOME DO ARTIGO", de autoria de (indicar a ordem de autoria quando tratar de mais de um autor) para apreciação do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Educação Especial.

Informamos estar ciente e concordamos com as normas editoriais, inclusive com a norma número 1.

Carta de cessão de direitos autorais:

Venho por meio desta ceder os direitos autorais sobre o artigo (nome do artigo) para a Revista Brasileira de Educação Especial, a ser publicado na forma impressa e eletrônica, mantida pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Declaro que o mencionado artigo é inédito, como consta nas normas de publicação da referida Revista, e não foi publicado nem em outra revista e nem em meio digital, como páginas de Associações, sites ou CDs de eventos.

Assinatura (s)

Nome do autor (es)

Nome e Assinatura de TODOS os autores

1.2.3 Formatação: papel A4 e com páginas numeradas em até 20 laudas incluindo as referências (espaço um e meio, letra Times New Roman, tamanho 12, justificado, parágrafos com 2cm).

Diretoria

Revistas

Editora

Bibliotecas

Sócios

Contato

Normas

Associar-se

Administrar

13 Ao enviar ou re-enviar o texto verificar normas básicas

Normas para encaminhamento, verificar se:

- o o ofício de encaminhamento está presente;
- o carta de cessão de direitos autorais foi elaborada de acordo com modelo proposto;
- o todos os autores assinaram carta de cessão dos direitos autorais;
- o foi providenciado xerox da carta de aprovação pelo comitê de ética (somente para relatos de pesquisa);
- o há indicação de endereço completo de *todos* autores e e-mail (s).

Normas técnicas da ABNT, verificar se:

- o atende as normas para citação bibliográfica;
- o atende as normas sobre referências;
- o faltam autores no texto que estão citados nas referências;
- o faltam referências de autores que estão citados no texto;
- o o texto impresso segue as normas de formatação da revista.

Normas referentes ao conteúdo, verificar se:

- o a revisão gramatical não foi realizada a contento;
- o foram utilizadas as palavras chaves do Thesaurus Brasileiro da Educação do INEP no *site* www.inep.gov.br. (ver artigo orientador);
- o o resumo atende às normas especificadas pela revista (ver artigo orientador);
- o o abstract atende às normas especificadas pela revista (ver artigo orientador).

Diretoria

Revistas

Editora

Bibliotecas

Sócios

Contato

Normas

Associar-se

Administrar

Artigos para orientação a autores que estão na nossa homepage (no link Revistas):

FUJITA, M. S. L. A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chaves. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 10, n. 2, p. 257-272, 2004.

GUIMARÃES, J. A. C. O resumo como instrumento para a divulgação e a pesquisa científica. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 1, p. 03-16, 2005.

MANZINI, E. J. Avaliação de artigos da Revista Brasileira de Educação Especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 10, n. 2, p. 273-286, 2004.

OMOTE, S. Revisão por pares na Revista Brasileira de Educação Especial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 3, p. 323-234, 2005.

SOUZA, V. R. A. Elaboração do abstract: orientação aos autores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 1, p. 17-32, 2005.

